

MARCIO MOREIRA ALVES



de Brasília

06/050
27/10/99
AGE 00160 4

O Solimões

• Se tudo der certo, estarei embarcando hoje no “Carlos Chagas”, um dos dois navios-hospitais da Marinha que cruzam o Solimões e seus tributários para atender as populações ribeirinhas. O “Carlos Chagas”, como o “Oswaldo Cruz”, faz parte da centenária Flotilha do Amazonas, criada em 1868, em plena Guerra do Paraguai. Nasceu para policiar a navegação estrangeira no grande rio.

As grandes potências marítimas do século passado pressionaram o Brasil de todas as maneiras para que internacionalizasse a navegação amazônica. Era a época da diplomacia das canhoneiras, simbolizada pela esquadra americana do comandante Perry, que, em 1854, bloqueou o porto de Tóquio e fez o Japão admitir o estabelecimento de comerciantes estrangeiros. Na China, a abertura dos portos foi obtida a golpes de canhão mais ou menos na mesma época. Lord Elgin, o mesmo que trouxera para Londres as frisas do Parthenon, que comprou dos ocupantes turcos de Atenas, comandou uma expedição multinacional que saqueou o Palácio de Verão dos imperadores chineses, ocupou Pequim e, em 1860, impôs ao Governo chinês um tratado com novas concessões aos estrangeiros, a internacionalização da navegação do Rio Amarelo sendo uma das cláusulas.

A Amazônia, despovoada e mais pobre, não provocou intervenções tão radicais. No entanto, desde a expedição dos tenentes de Marinha Lewis Herndon e Lardner Gibbon, em 1853, que contei por alto outro dia, os Estados Unidos pressionaram o Brasil para que internacionalizasse também a Bacia Amazônica. Isso não aconteceu não apenas pela débil importância econômica que a região então tinha, apesar do crescimento do comércio da borracha natural, mas porque a diplomacia do Império agiu rapidamente, assinando um tratado bilateral de navegação do Amazonas com o Peru. Quis, também, o acaso que os sonhos imperiais de Napoleão III estivessem voltados para o México, onde as suas tropas instalaram no trono o arquiduque Ferdinando Maximiliano, que terminou seu reinado frente ao pelotão de fuzilamento dos soldados de Benito Juárez. Um argentino, Victor Pozas, insistira com os ministros do imperador francês e diante do próprio Napoleão III na facilidade de se conquistar Belém do Pará a partir de Caiena e das vantagens que lhe adviriam do domínio do Amazonas.

A internacionalização do Amazonas, naquela época, provavelmente levaria à formação de enclaves estrangeiros ao longo das suas margens, tal como aconteceu na China.

O único dos meus três companheiros de viagem ingleses que não passou por Tefé foi Richard Spruce. Foi, também, o único a perceber que a borracha estava mudando a vida da re-

gião, já em meados do século passado. Conta que a demanda por objetos impermeáveis, tubos e pneus de bicicleta havia crescido de tal forma nos Estados Unidos que quase toda a força de trabalho da Amazônia se voltara para a exploração da seringueira.

Quem passou por aqui durante a viagem de um ano que fez à Amazônia, entre 1912 e 1913, foi o cientista Carlos Chagas, em companhia de Oswaldo Cruz e de Pacheco Leão.

Chagas horrorizou-se com a quantidade e gravidade das doenças que encontrou. No Rio Acre, descobriu uma espécie de parasita da malária mais violento que os habituais e tentou, no resto da sua vida, identificá-lo. Sobre as levas de migrantes que vinham buscar a borracha, escreveu: “O homem, na Amazônia, vindo do salubérrimo sertão do Norte do Brasil, levando para o trabalho a vitalidade máxima de uma raça forte e as maiores aspirações de uma prosperidade econômica adquirida, embora numa luta homérica, bem depressa vai lastimar a própria ousadia no aniquilamento de todas as energias acumuladas. São levas inteiras de cearenses, desse povo valente, que exemplifica a resistência e a tenacidade nacionais, em curto prazo dizimados pela malária! O ideal daquela gente, do seringueiro infeliz, é a mais curta permanência naquele solo, dele desamado porque lhe vai amesquinhando a vida e matando os filhos! Nada mais querem da terra, sempre madrastra, além da borracha.”

Chagas havia combatido a malária com sucesso na Baixada Santista e sabia ser possível, se não erradicar a doença, pelo menos controlá-la. Sonha com essa campanha benfazeja; escrevendo: “Veremos então o ressurgir daquele povo, veremos habitado aquele grande mundo e normalizada uma condição econômica cuja anarquia atual encontra suas razões capitais na decadência do homem e na hecatombe da vida ocorrida naquelas zonas. E só depois disso as riquezas inesgotáveis do Amazonas serão aproveitadas por completo e se congregarão, para o engrandecimento da pátria.”

Oswaldo Cruz, que redigiu o relatório de levantamento sanitário da Amazônia, era da mesma opinião. Amanhã, contarei as conclusões de seu relatório, que busquei na seção de livros raros da biblioteca do Hospital Sarah Kubitschek.